

Hidayane dos Santos França
Daniella Pereira de Sá
Patrício Getúlio Garcia Neto
Gildevan Nolasco Lopes
Raimundo José Santos
Gilda Vasconcellos de Andrade

Anfíbios e Répteis de Camaputiua e seus entornos




EDLIFMA



**Anfíbios e Répteis de
Camaputiua
e seus entornos**



Universidade Federal do Maranhão

Reitor Prof. Dr. Natalino Salgado Filho
Vice-Reitor Prof. Dr. Marcos Fábio Belo Matos



EDUFMA

Editora da UFMA

Diretor Prof. Dr. Sanatiel de Jesus Pereira
Conselho Editorial Prof. Dr. Luís Henrique Serra
Prof. Dr. Elídio Armando Exposto Guarçoni
Prof. Dr. André da Silva Freires
Prof. Dr. Jadir Machado Lessa
Prof^ª. Dra. Diana Rocha da Silva
Prof^ª. Dra. Gisélia Brito dos Santos
Prof. Dr. Marcus Túlio Borowski Lavarda
Prof. Dr. Marcos Nicolau Santos da Silva
Prof. Dr. Márcio James Soares Guimarães
Prof^ª. Dra. Rosane Cláudia Rodrigues
Prof. Dr. João Batista Garcia
Prof. Dr. Flávio Luiz de Castro Freitas
Bibliotecária Suênia Oliveira Mendes



Livro publicado com recursos provenientes do
Programa de Apoio à Publicação Literária -
SÉRGIO FERRETI LIVROS,
Edital nº 016/2018, processo 05144/2018



Associação Brasileira das Editoras Universitárias

Hidayane dos Santos França
Daniella Pereira de Sá
Patrício Getúlio Garcia Neto
Gildevan Nolasco Lopes
Raimundo José Santos
Gilda Vasconcellos de Andrade

Anfíbios e Répteis de Camaputiua e seus entornos

São Luís



EDUFMA

2021

Copyright © 2021 by EDUFMA

Capa	Francisco Batista Freire Filho
Projeto Gráfico	Leticia Helena, Francisco Batista Freire Filho
Revisão	Thais Barreto Guedes
Fotografias	Daniella Pereira de Sá, Gilda Vasconcellos de Andrade, Hidayane dos Santos França, Kleiton Rodolfo Alves da Silva, Kurazo Mateus Okada Aguiar, Patricio Getúlio Garcia Neto, Raymony Tayllon Alves Serra, Reginaldo Assêncio Machado, Zairon Marcel de Matos Garcês

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Anfíbios e répteis de Camaputiua e seus entornos / Hidayane dos Santos França... [et al.]. – São Luís: EDUFMA, 2021.

92 p. : il.

ISBN: 978-65-86619-95-9

I. Anfíbios - Camaputiua - Cajari. 2. Répteis - Camaputiua - Cajari. 3. Herpetofauna - Baixada maranhense. I. França, Hidayane, dos Santos. II. Sá, Daniella Pereira de. III. Garcia Neto, Patricio Getúlio. IV. Lopes, Gildevan Nolasco. V. Santos, Raimundo José. VI. Andrade, Gilda Vasconcellos de.

CDD 597.859 798 121

CDU 597.6/9:598.1(812.1)

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Márcia Cristina da Cruz Pereira - CRB 13/418

Impresso no Brasil [2021]

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida, armazenada em um sistema de recuperação ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico, mecânico, fotocópia, microimagem, gravação ou outro, sem permissão do autor.

EDUFMA | Editora da UFMA

Av. dos Portugueses, 1966 - Vila Bacanga

CEP: 65080-805 | São Luís | MA | Brasil

Telefone: (98) 3272-8157

www.edufma.ufma.br | edufma@ufma.br

Agradecemos todos os alunos e moradores da comunidade de Caputíua que tornaram possível a realização deste trabalho. Agradecemos em especial aos alunos da UFMA: Susane Xavier, Raymony Tayllon Serra, Antonio Fernando Silva, Júlio Coimbra, Alexssander Brito, Elias Júnior, Johnny Sousa, André Takazone, Pedro Eugênio Ferreira; aos moradores Ednaldo Padilha, Rosilene Araújo, Marlilde Barros e Cleidirene Cardoso Santos.

À Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPEMA Nº 016/2018 - SERGIO FERRETTI LIVROS; FAPEMA AEXT Nº 01569/12; FAPEMA UNIVERSAL Nº 01131/09; FAPEMA BEX - Bolsa de Extensão para DPS); À Universidade Federal do Maranhão/SIGPROJ (Bolsas de Extensão para HSF e PGGN); Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq - Bolsas de Pesquisa PQ 309479/2012-6 e 312286/2015-5 para GVA).

PREFÁCIO

Localizado na região Meio-Norte do Brasil e na região Neotropical do globo, com área aproximada de 329.000 km², o estado do Maranhão se destaca pela sua fantástica biodiversidade. O espaço geográfico do estado concentra um dos conjuntos mais complexos de paisagens naturais do país com presença de elementos de três biomas brasileiros e cinco ecorregiões. A ampla variedade de tipos de solo, formações geomorfológicas, gradientes altitudinais e climáticos conferem alta diversidade às suas paisagens naturais, que se reflete no elevado número de espécies que compõem a flora e fauna do estado. A região da Baixada Maranhense, situada a sudoeste da capital São Luís e abrangendo cerca de 20 municípios, é exemplo dessa complexa interface de ecossistemas. Compreende um eco-complexo de rios, lagos e estuários distribuídos ao longo de paisagem repleta de manguezais, babaçuais, campos abertos e inundáveis. Dada sua importância biológica e ecológica, a área é hoje protegida por unidade de conservação (APA Baixada

Maranhense, Decreto nº 11.900/1991). Apesar dos esforços, até o momento o conhecimento sobre a fauna de anfíbios e répteis da região da Baixada Maranhense é escasso. Neste sentido, o livro “Anfíbios e Répteis de Camaputiua e seus entornos” resultado do esforço conjunto da pesquisadora Dra. Gilda V. Andrade que dedicou sua carreira a estudar a herpetofauna do Maranhão, e seu legado formado por estudantes de graduação, mestrado e doutorado da Universidade Federal do Maranhão é digno de reconhecimento. Com esmero e rigor científico, os autores apresentam de forma educativa, didática e lindamente ilustrada o colorido das espécies que compõem a fauna de anfíbios e répteis da Baixada Maranhense, via dados coletados continuamente no município de Cajari, adicionando dados de qualidade ao conhecimento sobre a biodiversidade do estado. Vale ressaltar ainda, com admiração, o trabalho de educação ambiental (Herpetofauna: conhecer para conservar) conduzido pelos autores na comunidade quilombola Camaputiua. A presença da comu-

nidade, especialmente crianças e instituições de ensino, no avanço do conhecimento sobre a biodiversidade demonstra a importância de projetos de ciência cidadã e nos relembra a função social das nossas instituições de ensino e pesquisa de que o conhecimento gerado é do povo e que conservar a biodiversidade promove bem-estar e qualidade de vida da coletividade. Que os usuários deste livro possam se deliciar com o colorido da grande variedade de espécies e as informações didáticas dessa paisagem tipicamente maranhense. Parabéns aos autores! Viva a biodiversidade do Maranhão!

Thaís Barreto Guedes

Pesquisadora Sênior

Programa de Pós-Graduação em Biodiversidade, Ambiente e Saúde
Universidade Estadual do Maranhão

SUMÁRIO

PREFÁCIO			7
NOTA DOS AUTORES			11
INTRODUÇÃO GERAL			15
POR QUE FALAR SOBRE ANFÍBIOS E RÉPTEIS?			17
O QUE É UM ANFÍBIO?			18
O QUE É UM RÉPTIL?			19
ANUROS DE CAMAPUTIUA			21
<i>Rhinella</i>	22	<i>Leptodactylus</i>	34
<i>Boana</i>	23	<i>Physalaemus</i>	40
<i>Dendropsophus</i>	25	<i>Pseudopaludicola</i>	41
<i>Scinax</i>	29	<i>Elachistocleis</i>	42
<i>Sphaenorhynchus</i>	32	<i>Pithecopus</i>	43
<i>Trachycephalus</i>	33	<i>Pipa</i>	44
LAGARTOS DE CAMAPUTIUA			45
<i>Thecadactylus</i>	46	<i>Tropidurus</i>	52
<i>Gonatodes</i>	47	<i>Uranoscodon</i>	53
<i>Copeoglossum</i>	48	<i>Colobosaura</i>	54
<i>Norops</i>	49	<i>Ameiva</i>	55
<i>Iguana</i>	50	<i>Kentropyx</i>	56
<i>Polychrus</i>	51	<i>Tupinambis</i>	57

SERPENTES DE CAMAPUTUA			58
<i>Boa</i>	59	<i>Erythrolamprus</i>	70
<i>Corallus</i>	60	<i>Hydrodynastes</i>	71
<i>Eunectes</i>	61	<i>Imantodes</i>	72
<i>Chironius</i>	62	<i>Oxyrhopus</i>	73
<i>Leptophis</i>	64	<i>Philodryas</i>	74
<i>Mastigodryas</i>	65	<i>Pseudoboa</i>	75
<i>Spilotes</i>	66	<i>Siphlophis</i>	76
<i>Tantilla</i>	67	<i>Thammodynastes</i>	77
<i>Clelia</i>	68	<i>Bothrops</i>	78
<i>Dipsas</i>	69		
OUTRAS ESPÉCIES DE RÉPTEIS			79
<i>Amphisbaena</i>	80	<i>Platemys</i>	83
<i>Leposternon</i>	81	<i>Paleosuchus</i>	84
<i>Phrynops</i>	82		
BIBLIOGRAFIA			85

NOTA DOS AUTORES

Este livro é fruto de trabalhos de pesquisa e extensão realizados no Município de Cajari, Maranhão, especificamente em uma comunidade quilombola chamada Camaputiua, por uma pesquisadora e estudantes do Departamento de Biologia da Universidade Federal do Maranhão. As pesquisas foram realizadas com o objetivo de conhecer a fauna de anfíbios e répteis (herpetofauna) dessa localidade, resultando em trabalhos de monografia de duas alunas para conclusão do curso de Ciências Biológicas.

Paralelamente às pesquisas e por se tratar de uma pequena comunidade em contato direto com esses animais e seus ambientes, logo foi associado um projeto de extensão focando na educação ambiental denominado Herpetofauna: Conhecer para Conservar. Esse projeto repassava as informações das pesquisas em duas escolas da comunidade. Também registrava o conhecimento da comunidade sobre a herpetofauna.

Assim, foram montados bancos de dados com imagens, vídeos e informações gerais sobre esses animais; em seguida

foram ministradas palestras e brincadeiras para os estudantes, realizadas quinzenalmente entre os anos de 2012 e 2014; além de folders explicativos distribuídos para toda a comunidade.

Ao final de cada ano, foram realizadas feiras de ciências nas escolas, onde todo o conhecimento adquirido durante o ano era compartilhado com os alunos, professores e moradores da comunidade e de seus entornos. Cartazes e desenhos elaborados pelas crianças foram apresentados na Semana Nacional de Ciência e Tecnologia em São Luís, capital do estado.

Como forma de manter esse conhecimento adquirido ao longo desses três anos de projeto, este livro foi concebido de uma maneira simples e objetiva, com fotos e informações sobre as espécies da herpetofauna que encontramos nessa comunidade. Esperamos que este livro possa ser utilizado não só pela comunidade, mas também por estudantes e pesquisadores de todo o Maranhão, e mesmo do Brasil, uma vez que a herpetofauna da Baixada Maranhense ainda é pouco conhecida.



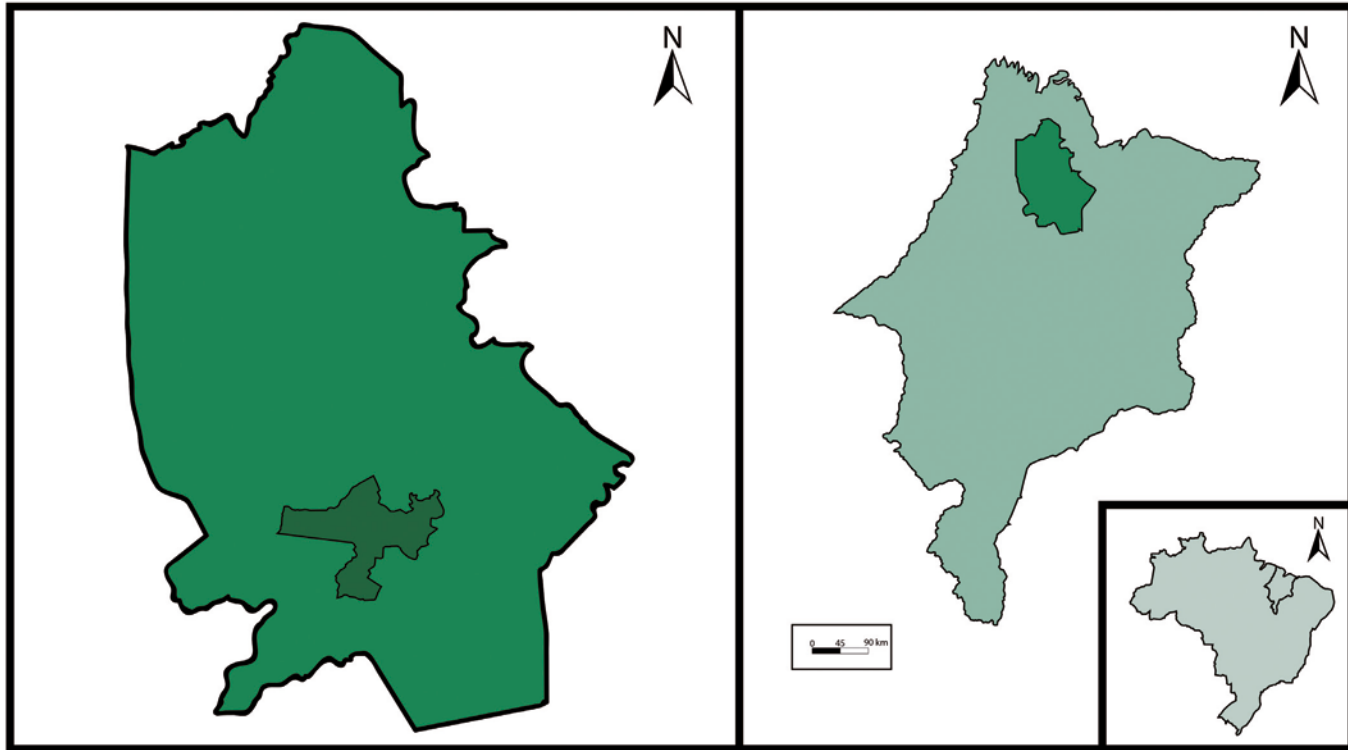


Figura - (Esquerda) Região da Baixada Maranhense com o município de Cajari em destaque. (Direita) Mapa do Estado do Maranhão e a Região da Baixada Maranhense.

INTRODUÇÃO GERAL

Os répteis e anfíbios (herpetofauna) são animais vertebrados, geralmente terrestres e ectotermos, ou seja, que regulam a sua temperatura corporal através de fontes externas, como o sol. Esses animais incluem os sapos, os lagartos, as serpentes, as tartarugas e os jacarés, possuindo grande importância para o equilíbrio ambiental. Mas, infelizmente a maioria das pessoas desconhece isso e em razão de crenças e superstições, especialmente relacionadas ao veneno de alguns sapos e serpentes, matam muitos desses animais.

É importante saber que o Brasil é o país que apresenta a maior riqueza de espécies de anfíbios, e com relação aos répteis, também estamos entre os países mais diversos. E novas espécies estão sendo descritas continuamente em nosso país. Assim, é muito grande a responsabilidade de nosso país em relação à preservação dessas espécies, principalmente diante de fatos que evidenciam a redução populacional desses grupos em várias partes do planeta.

A principal ameaça à herpetofauna é o desmatamento. Como dissemos, anfíbios e répteis são animais ectotermos, e por dependerem do ambiente externo para manter sua temperatura são muito suscetíveis a variações climáticas, sofrendo muito com o aumento da temperatura. Por serem animais que geralmente não se deslocam muito, eles se tornam vulneráveis a qualquer mudança em seu hábitat (lugar onde vivem). Além disso, os anfíbios (sapos), por apresentarem a pele permeável e por muitas espécies possuírem duas fases de vida (uma na água e outro na terra), são extremamente dependentes de ambientes úmidos e são sensíveis a substâncias tóxicas e poluentes, tanto no ar quanto na água. Por serem extremamente sensíveis a perturbações no ambiente, eles são considerados bioindicadores da qualidade ambiental.

Mas você deve estar se perguntando, por que esses animais são tão importantes para o equilíbrio ambiental? A resposta é simples, porque eles são essenciais nas teias alimentares. Por exemplo, as serpentes podem controlar as po-

pulações de roedores, como os ratos, e os anfíbios e lagartos se alimentam de uma grande variedade de insetos e outros artrópodes, incluindo pragas da agricultura e mosquitos transmissores de doenças. Além disso, eles servem de alimento para diversos animais vertebrados e mesmo invertebrados. E ainda tem os girinos (larvas dos anfíbios), que ao se alimentar acumulam importantes nutrientes e elementos essenciais que se encontram disponíveis no ambiente aquático. Ao se metamorfosear e passar para a fase de vida terrestre, levam esses nutrientes e elementos para o ambiente terrestre, ficando disponíveis para os seus predadores.

POR QUE FALAR SOBRE ANFÍBIOS E RÉPTEIS?

A maioria da população brasileira possui ideias equivocadas sobre estes animais, que estão rodeados por mitos e superstições que têm contribuído para sua mortalidade. Com efeito, muitos animais deste grupo são mortos por ação direta ou indireta dos humanos, apesar de serem extremamente úteis, como vimos acima.

Como a ignorância mata, há de se divulgar o importante papel que estes animais desempenham nos ecossistemas, afastando de vez as ideias erradas acerca deles. A maioria não é peçonhenta, ou seja, não injeta veneno através de presas, nem é venenosa; nenhum desses animais é “mau”, a maioria nem sequer é perigosa e todos são muito úteis.

Vítimas da perseguição, de atropelamento, de fogo, da destruição de seus habitats naturais como as florestas, da poluição das águas e de muitos outros fatores relacionados com a nossa espécie, estes animais encontram-se cada vez mais ameaçados.

Agora que você já sabe da importância desses animais para o equilíbrio ambiental e que a maioria é inofensiva, repasse esse conhecimento às outras pessoas. Explique àquelas que jogam sal no sapo para espantá-lo, que isso o desidrata e pode causar a morte de um animal inofensivo; conte que a maioria das serpentes não causa risco algum às pessoas.



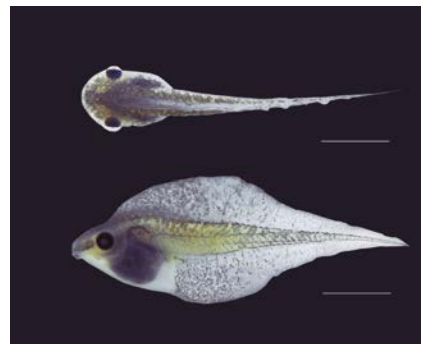
Desova (Maranhão: Foto: Gilda V Andrade)



Salamandra (Pará; Foto: Kleiton R. Alves-Silva)

O QUE É UM ANFÍBIO?

A palavra “anfíbio” vem do grego “amphibios” que significa que vive em dois elementos: terra e água. As salamandras, as rãs, as jias, os sapos, as pererecas e as cobras-cegas são anfíbios. Muitas espécies, mas não todas, vivem uma parte de sua vida na água como girinos e outra na terra. Mas, todas são bastante dependentes do meio aquático, pois respiram também através da pele, que é permeável, e precisam tê-la sempre úmida.



Girinos (Maranhão: Foto: Raymony Tayllon)



Rã (Maranhão: Foto: Gilda V Andrade)



Serpente (Foto: Raymony Tayllon)



Quelonio (Foto: Hidayane França)

O QUE É UM RÉPTIL?

O nome “réptil” vem do latim “reptile” que significa animal que rasteja. Entre os répteis estão grupos bem diferentes como o das tartarugas, cágados e jabutis, o dos lagartos, que incluem as osgas ou lagartixas, troíras, calangos e tejos, o das cobras-de-duas-cabeças, o das serpentes, e o dos jacarés.

Os répteis têm o corpo coberto por escamas, mas não são peixes! Nos lagartos e serpentes as escamas são geralmente pequenas, mas nas tartarugas algumas escamas são grandes e grossas, por isso chamam-se placas, como as que recobrem a carapaça (casco). E nos jacarés as escamas, ou escudos, são dispostas em fileiras regulares e por baixo deles pode haver placas ósseas (osteodermos).



Lagarto (Foto: Hidayane França)



Anfisbena (Foto: Gilda V Andrade)



ANUROS DE CAMAPUTIUA

Os anuros, popularmente conhecidos por sapos, jias, rãs e pererecas, correspondem ao maior grupo da classe Amphibia, com aproximadamente 7.000 espécies. A grande maioria dos anuros vive nos trópicos, e aproximadamente 300 espécies vivem na Amazônia Brasileira. Os anuros parecem frágeis, pois sua pele não possui escamas nem pelos para proteção. No entanto, são muito bem adaptados e geralmente estão entre os vertebrados mais abundantes e presentes em maior número de habitats, perdendo somente para aves e morcegos em número de espécies.



Nome científico:

Rhinella jimi

(Stevaux, 2002)

Nome Popular:

Sapo-cururu, sapo-boi

● **Informações Gerais:** Com distribuição no nordeste brasileiro, além do Pará e Espírito Santo. Grande porte (aproximadamente 15 cm). Corpo robusto, com dorso coberto por glândulas com veneno bem desenvolvidas atrás dos olhos e na tíbia, e menos visíveis no antebraço, no pé e na região da cloaca. O dorso apresenta diferentes tonalidades de marrom com manchas negras. O ventre é creme, podendo apresentar manchas acinzentadas e pequenos pontos marrons. Terrestre e noturno. Vocaliza nas margens de poças principalmente na estação chuvosa, que é quando ocorre sua temporada reprodutiva. Milhares de ovos são postos na água em um cordão gelatinoso. Os girinos são pretos e formam aglomerados no fundo das poças.

Foto: Raymony Tayllon

Nome científico:

Boana multifasciata

(Günther, 1859)

Nome Popular:

Perereca

● **Informações Gerais:** Ocorre do Ceará e de Goiás até as Guianas e Venezuela. De médio porte (aproximadamente 5 cm). Esguia, de pele lisa e com discos adesivos na ponta dos dedos. Dorso amarronzado com listras horizontais escuras. Ventre esbranquiçado. Arborícola e noturna. Pode ser encontrada na vegetação marginal de lagoas permanentes. As fêmeas depositam seus ovos agrupados sobre a superfície da água. Os girinos apresentam corpo elíptico e nadadeiras dorsal e ventral relativamente estreitas.

23

Foto: Hidayane França





Nome científico:

Boana raniceps

(Cope, 1862)

Nome Popular:

Perereca-da-bananeira

● **Informações Gerais:** Possui ampla distribuição pelo território nacional, sendo mais encontrada em áreas amazônicas, de cerrado e caatinga. Além do Brasil, ocorre também na Colômbia, Venezuela, Guiana Francesa, Bolívia, Paraguai e Argentina. Perereca grande (aproximadamente 7 cm). Pele lisa no dorso, mais granulosa no ventre. Presença de discos adesivos. Dorso marrom-escuro ou avermelhado com listras horizontais mais escuras. Ventre esbranquiçado, mas roxo com barras escuras na região das coxas. Arborícola e noturna. Encontrada em vegetação próxima de lagoas ou de rios. Esta espécie põe ovos agrupados na superfície de corpo d'água parada dos quais se desenvolvem girinos. Os girinos apresentam o corpo globular de coloração amarronzada e pontos pretos. A nadadeira dorsal é bem desenvolvida e a ventral é estreita.

Foto: Kleiton R. Alves-Silva



Nome científico:

Dendropsophus branneri

(Cochran, 1948)

Nome Popular:

Perereca

● **Informações Gerais:** Encontrada em vários estados da costa brasileira, do Maranhão até o Rio de Janeiro. Pequeno porte (aproximadamente 2 cm). Perereca de aparência bem delgada, focinho truncado e discos adesivos nos dedos. Costumam apresentar uma marca branca abaixo do olho. O dorso possui tom marrom-claro, com pontuações escuras ou faixas claras contornando a região dorsal, às vezes só na parte anterior, e formando um triângulo claro na cabeça. O ventre possui coloração amarelada. Arborícola e noturna. Pode ser encontrada próxima de corpos d'água parada temporários ou permanentes. Os ovos são colocados na superfície da água divididos em pequenos grupos. Os girinos têm a forma de violino com uma cauda longa apresentando coloração bege com uma faixa negra do focinho ao olho.

Foto: Hidayane França



Nome científico:

Dendropsophus leucophyllatus

(Beireis, 1783)

Nome Popular:

Rã-palhaço

● **Informações Gerais:** Amplamente distribuída em regiões da floresta amazônica, podendo ser encontrada em outros países da América do Sul. Pequeno porte (aproximadamente 3 cm). Perereca de corpo esguio com pele lisa quando comparada à dos sapos. Possui manchas claras recobrendo o dorso e parte das pernas, chegando a cobrir parte da cabeça também. Sob essas manchas está uma coloração amarronzada que se estende pelo resto do corpo. Espécie de hábito arborícola. Pode ser encontrada em poças permanentes ou semipermanentes próximas de estradas ou em florestas bem conservadas, e em bordas de matas empoleirando-se acima do corpo d'água. Os ovos são colocados em folhas acima do corpo d'água. Os girinos têm o corpo ovoide alongado e são lateralmente achatados e possuem coloração marrom avermelhada com manchas escuras ao longo do corpo.

Foto: Raymony Tayllon

Nome científico:

Dendropsophus minutus

(Peters, 1872)

Nome Popular:

Pererequinha-do-brejo

● **Informações Gerais:** Pode ser encontrada em quase toda a América do Sul. De pequeno porte (aproximadamente 2 cm). Perereca de corpo esguio com discos adesivos em seus dedos que auxiliam subir na vegetação. Possuem uma coloração amarronzada no dorso, apresentando manchas de tonalidade mais escura que recobrem da cabeça até as pernas. O ventre é mais esbranquiçado, não apresentando manchas. Geralmente encontrada em corpos d'água parada, áreas abertas e alagadas, empoleirada em arbustos ou galhos próximos das poças. Os ovos formam massa globular aderida em plantas emergentes da poça. O girino é comprimido lateralmente. Os girinos ficam dispersos na coluna d'água próxima à vegetação herbácea.

27

Foto: Hidayane França





Nome científico:

Dendropsophus soaresi

(Caramaschi & Jim, 1983)

Nome Popular:

Perereca

● **Informações Gerais:** Ocorre apenas do nordeste brasileiro até Minas Gerais. De pequeno porte (aproximadamente 3 cm). Pele granulosa. Presença de discos adesivos nos dedos. Dorso amarronzado com manchas escuras irregulares. Ventre esbranquiçado. Arborícola e noturna. Encontrada na vegetação, geralmente em poças temporárias ou permanentes de áreas abertas. Os ovos são depositados na água. Os girinos possuem corpo triangular-deprimido lateralmente, de coloração marrom clara e olhos laterais.

Foto: Gilda V. Andrade

Nome científico:

Scinax fuscomarginatus

(A. Lutz, 1925)

Nome Popular:

Pererequinha-do-brejo, perereca-comum

● **Informações Gerais:** Ampla distribuição pelo Brasil, sendo encontrada também na Bolívia, Argentina e Paraguai. De pequeno porte (aproximadamente 2 cm). Perereca de pele lisa e corpo esguio. Possui discos adesivos. Dorso castanho claro com listras amarronzadas dorsolaterais divergentes. Região ventral cor de creme. Arborícola e noturna. Pode ser encontrada em áreas abertas ou de mata, próxima a poças temporárias ou permanentes, em brejos, gramíneas ou plantas arbustivas, em alagados, ou ainda em ambientes alterados pela ação antrópica. Os ovos são colocados na água. Os girinos são lateralmente comprimidos e triangulares, de coloração marrom clara com faixa escura entre o focinho e os olhos.

29

Foto: Gilda V. Andrade





Nome científico:

Scinax nebulosus

(Spix, 1824)

Nome Popular:

Perereca-comum

● **Informações Gerais:** Espécie de ocorrência no norte e nordeste brasileiros, Bolívia, Venezuela e Guianas. De pequeno porte (aproximadamente 3 cm). Presença marcante de várias glândulas na superfície dorsal, especialmente na região da cabeça. Presença de discos adesivos nos dedos. Corpo esguio. Dorso amarronzado escuro, o ventre é esbranquiçado com presença de manchas escuras próximas das laterais e na região da cabeça. Arborícola e noturna. Costuma ser encontrada nas bordas de poças temporárias em florestas tropicais durante o período chuvoso. Consegue sobreviver bem em cerrado úmido e em ambientes antropizados, como pastos. Girinos possuem corpo oval em vista dorsal e olhos laterais, sem uma coloração marcante, apresentando um aspecto transparente, tendendo para uma cor esverdeada.

Foto: Gilda V. Andrade



Nome científico:

Scinax x-signatus

(Spix, 1824)

Nome Popular:

Perereca-comum, perereca-do-banheiro

● **Informações Gerais:** Ocorre em boa parte do território nacional, sendo amplamente distribuída, e na Colômbia, Venezuela, Guiana e Suriname. De pequeno porte (aproximadamente 3 cm). De corpo esguio e pele lisa. Possui discos adesivos nos dedos. Dorso castanho claro com a presença de uma mancha em forma de “x” nas costas castanho-escuro, que dá nome à espécie. Ventre claro, meio amarelado. Arborícola e noturna. É típica de florestas tropicais, cerrado e até mesmo em campos abertos, sendo encontrada próxima de poças temporárias durante temporada de chuva. Girinos possuem corpo oval elíptico em vista dorsal e triangular em vista lateral, e olhos laterais. As nadadeiras dorsal e ventral são bem desenvolvidas.

31

Foto: Hidayane França



Nome científico:

Sphaenorhynchus lacteus

(Daudin, 1800)

Nome Popular:

Perereca

● **Informações Gerais:** Espécie com ocorrência nas bacias do Orinoco e do Amazonas, da Bolívia às Guianas, e do norte do Brasil até o Piauí. De pequeno porte (aproximadamente 3 cm). Corpo esguio, focinho pontudo em vista dorsal e pele lisa, com presença de discos adesivos nos dedos. Coloração bem esverdeada em todo o corpo, e ventre esbranquiçado. Possui listras amareladas que começam no focinho, atravessam a região ocular e podem ir até a região das coxas. Arborícola e noturna. Ocorrem em áreas de clareira e bordas de matas, em alagados e lagoas, geralmente com vegetação flutuante, onde os machos cantam. Os girinos possuem corpo ovoide, apresentando uma coloração acastanhada e com pigmentos escuros pelo corpo.

Foto: Hidayane França



Nome científico:

Trachycephalus typhonius

(Linnaeus, 1758)

Nome Popular:

Perereca, rã-trepadora

● **Informações Gerais:** Ampla distribuição na América do Sul e no Brasil. Perereca de grande porte (aproximadamente 10 cm). Possui o corpo robusto e a pele bem rugosa, com muitos grânulos. Se for agarrada, solta uma secreção leitosa pegajosa. Machos possuem sacos vocais pareados laterais expansíveis. Possui discos adesivos nos dedos. Dorso marrom-escuro com manchas irregulares. Pode apresentar duas manchas dorsolaterais bem evidentes de cor bege. Ventre esbranquiçado. Noturna e arborícola. Pode ser encontrada em áreas de floresta tropical, sejam elas secas ou úmidas. Durante o período chuvoso é abundante próxima de poças temporárias. Os ovos são depositados em uma massa gelatinosa sobre a água. Girinos com corpo oval alongado em vista dorsal.

Foto: Hidayane França



Nome científico:

Leptodactylus fuscus

(Schneider, 1799)

Nome Popular:

Rã-assobiadora, jia

● **Informações Gerais:** Amplamente distribuída em boa parte da América do Sul chegando até países da América Central, como Panamá. De médio porte (aproximadamente 5 cm). Dorso amarronzado recoberto por pequenas manchas pretas e pregas. Podem possuir uma listra longitudinal de aspecto mais claro que atravessa o centro do dorso. Terrestre e noturna. Podem ser encontradas em vários tipos de áreas abertas, como cerrado, áreas degradadas e ambientes urbanos. Os ovos estão envoltos em espuma e são depositados em cavidade subterrânea no solo lamoso próximo à borda de poças. Os girinos nascem na espuma e são carregados pela água da chuva para a poça. Os girinos apresentam o corpo globular deprimido com coloração marrom escura na região dorsal e castanha na região ventral.

Foto: Hidayane França



Nome científico:

Leptodactylus macrosternum

Miranda Ribeiro, 1926

Nome Popular:

Rã-manteiga

● **Informações Gerais:** Amplamente distribuída pelos ambientes abertos da América do Sul. De médio porte (aproximadamente 7 cm). Rã relativamente robusta de pele pouco rugosa. Dorso esverdeado ou castanho claro, com presença de manchas escuras de contorno claro e de pregas longitudinais. Ventre esbranquiçado, sem manchas. Terrestre e noturna. Espécie que pode ser encontrada em brejos, açudes, próxima a poças temporárias ou permanentes de áreas abertas. Os ovos são depositados em ninho de espuma sobre a superfície da lagoa. Os girinos se distribuem em cardumes de 25 cm de diâmetro que ficam subindo e descendo na coluna d'água, gerando bolhas.



Nome científico:

Leptodactylus mystaceus

(Spix, 1824)

Nome Popular:

Rã

● **Informações Gerais:** Amplamente distribuída na bacia Amazônica e no Brasil. De porte moderado (cerca de 5 cm). Pele lisa, com duas pregas dorso laterais proeminentes. Mancha escura que vai desde a narina, passa pelo olho e vai até o tímpano. Presença de uma listra branca no lábio superior bem evidente em muitos exemplares. Dorso amarronzado claro com manchas irregulares escuras. Ventre esbranquiçado com manchas escuras nas laterais. Terrestre e noturna. Pode ser encontrada em campos abertos inundáveis durante o período chuvoso. Os ovos são depositados em buracos no solo, em ninhos de espuma. Após chuvas os girinos são levados para a água. Os girinos apresentam um corpo oval com coloração verde escura com pontos escuros.

Foto: Zairon Garcês



Nome científico:

Leptodactylus petersii

(Steindachner, 1864)

Nome Popular:

Rã

● **Informações Gerais:** Espécie que ocorre em áreas próximas da bacia amazônica, abrangendo vários países como Colômbia, Peru e Equador, e em locais isolados do Cerrado brasileiro. De pequeno porte (aproximadamente 3 cm). Rã com pele rugosa, recoberta por grânulos no dorso. Dorso marrom e ventre esbranquiçado com manchas escuras. Terrestre e noturna. Pode ser encontrada no solo próxima de corpos d'água. Os ovos são depositados em ninhos de espuma sob o folhço em locais rasos do corpo d'água. Os girinos ficam em cardumes próximos à mãe, que os protege.



Nome científico:

Leptodactylus pustulatus

(Peters, 1870)

Nome Popular:

Rã

● **Informações Gerais:** Ocorre apenas na região central e nordeste do Brasil, e no estado do Pará. De porte relativamente pequeno (aproximadamente 4 cm). Rã de pele levemente rugosa, sem pregas dorsais. Coloração geral castanha e na região ventral presença de manchas claras redondas, geralmente brancas no ventre e amarelas nas pernas. Terrestre e noturna. Ocorre em áreas abertas, geralmente no Cerrado. Os machos vocalizam em corpos d'água temporários ou permanentes. Os girinos desta espécie apresentam um comportamento de cardume, permanecendo próximos à fêmea. Os girinos apresentam uma coloração marrom escura com uma cauda escura. Possuem corpo oval alongado em vista dorsal e olhos dorsais. As nadadeiras ventral e dorsal são estreitas.

Foto: Patrício Garcia

Nome científico:

Leptodactylus vastus

A. Lutz, 1930

Nome popular:

Rã-pimenta, gia, rã-vermelha

● **História Natural:** Espécie típica de habitats abertos no nordeste brasileiro. De grande porte (cerca de 15 cm). Rã robusta com pele relativamente rugosa. Coloração dorsal é marrom escuro ou castanho claro com pequenos pontos pretos. Possui um padrão de manchas triangulares negras pelo maxilar superior. Coloração avermelhada na região da coxa. Ventre esbranquiçado com um padrão de manchas escuras. Terrícola e noturna. O girino com corpo globular, levemente achatado lateralmente, de coloração marrom-claro com manchas acinzentadas.

39



Foto: Hidayane França



Nome científico:

Physalaemus cuvieri

Fitzinger, 1826

Nome Popular:

Rã-lobo, rã-cachorro, rãzinha

● **Informações Gerais:** Possui ampla distribuição pelo Brasil, ocorrendo também na Argentina, Paraguai e Bolívia. De pequeno porte (aproximadamente 3 cm). Possui a pele bem lisa. Dorso amarronzado ou castanho claro com presença de manchas um pouco mais escuras irregulares de contorno claro. Ventre esbranquiçado com manchas acinzentadas irregulares. Manchas alaranjadas na parte interna das coxas. Mancha preta bem evidente que surge após a região ocular e segue pelas laterais do corpo. Terrícola e noturna. Ocorre em vários tipos de ambiente tais como campos abertos, cerrado e pastos. Os ovos são depositados na superfície da água, em ninho de espuma que os protegem contra a dessecação e predação. O girino apresenta o corpo ovoide em vista dorsal e os olhos em posição dorsal, possuindo coloração amarronzada.

Foto: Hidayane França



Nome científico:

Pseudopaludicola mystacalis

(Cope, 1887)

Nome popular:

Rã

● **História Natural:** Espécie de ampla distribuição no Brasil. Pode ser encontrada também na Argentina, Uruguai e Paraguai. De pequeno porte (cerca de 2 cm). Corpo relativamente esguio com presença de alguns grânulos pelo dorso. Dorso amarronzado com algumas manchas escuras. Pode ter uma linha vertebral clara. Ventre esbranquiçado sem manchas. Terrestre, pode cantar tanto de dia quanto pela noite. É encontrada em ambientes abertos, geralmente associada a alagados ou poças d'água temporárias. Girinos apresentam corpo oval alongado em vista dorsal, olhos dorsais e cauda com nadadeiras dorsal e ventral estreitas.

41

Foto: Hidayane França



Nome científico:

Elachistocleis bumbameuboi

Caramaschi, 2010

Nome Popular:

Rãzinha

● **Informações Gerais:** Ocorre exclusivamente no Maranhão. De médio porte (variando de 2 a 4 cm). Rã de corpo ovoide, cabeça pequena e triangular. Dorso levemente rugoso de coloração cinza escuro sem mancha ou listra. Ventre acinzentado com pontos brancos diminutos. Terrestre e noturna, pode ser encontrada em meio à serapilheira. Coloca os ovos em uma fina camada sobre água. O girino apresenta o formato globular e uma coloração amarronzada com manchas esbranquiçadas.

Foto: Hidayane França



Nome científico:

Pithecopus hypochondrialis

(Daudin, 1800)

Nome Popular:

Perereca, rãzinha-escaladora

● **Informações Gerais:** Ocorre no Cerrado e na Amazônia brasileira, além da Colômbia, Venezuela e Guianas. De médio porte (aproximadamente 4 cm). Perereca de corpo esguio e pele lisa. Possui discos adesivos nos dedos. Olhos avantajados. Dorso esverdeado. Laterais do corpo e das patas de coloração alaranjada intercalada por barras pretas. Ventre esbranquiçado. Arborícola e noturna. Pode ser encontrada em arbustos e outros tipos de vegetação herbácea em campos abertos inundáveis sazonalmente e em florestas tropicais. Os ovos dessa espécie são colocados em uma folha que é dobrada pela fêmea e fica em ramos pendentes sobre a água. Após a eclosão, os girinos caem na água. O girino possui corpo oval-alongado em vista dorsal, com os olhos laterais, e a nadadeira dorsal bem mais estreita que a ventral.



Nome científico:

Pipa pipa

(Linnaeus, 1758)

Nome Popular:

Sapo-marreca, sapo-chinelo

● **Informações Gerais:** Ocorre na Amazônia brasileira, além do Equador e da Bolívia até as Guianas. De grande porte (aproximadamente 10 cm). Rã de formato singular, corpo achatado dorso-ventralmente, cabeça triangular e olhos diminutos. As patas posteriores são mais grossas do que as anteriores e os pés são palmados, de onde vem o nome popular local de sapo-marreco. Possuem pele rugosa, coberta por grânulos. Dorso de coloração marrom escuro, assim como o ventre. Inteiramente aquática. Pode ser encontrada em poças, rios e canais com fundo lamoso. Os ovos são colocados no dorso da fêmea. Após cerca de três meses os juvenzinhos nascem como miniaturas dos adultos.

Foto: Kleiton R. Alves-Silva



LAGARTOS DE CAMAPUTIUA

Os lagartos são répteis, possuem o corpo recoberto por escamas, geralmente possuem quatro patas que usam para rastejar no solo ou subir em pedras ou galhos de árvores. Porém, essa definição nem sempre é válida. Nem todas as espécies de lagartos têm quatro patas, algumas passam muito tempo na água ou embaixo da terra, e muitos animais com escamas não são lagartos. Lagartos ocorrem na maioria dos habitats da terra, com exceção das regiões polares mais frias e do mar aberto. A maioria come principalmente insetos e outros invertebrados, alguns comem vertebrados inclusive outros lagartos, e uns poucos são herbívoros (comem plantas).



Nome científico:

Thecadactylus rapicauda

(Houttuyn, 1782)

Nome Popular:

Lagartixa

● **Informações Gerais:** Distribui-se do norte da América do Sul até a região do México. No Brasil é encontrado na região amazônica. De médio porte (aproximadamente 12 cm). Têm olhos grandes com pupilas verticais e elípticas. Dedos ligados por membranas e com almofada. A cauda, após ser regenerada, tem formato de cenoura. Coloração marrom a cinza, com manchas irregulares pelo corpo. Noturna e arborícola. De dia refugia-se em cavidades de troncos, sob a casca de árvores, entre a base de folhas de palmeiras e bromeliáceas. Como mecanismo de defesa usa coloração críptica para escapar de predadores. Ovíparo, põe um único ovo.

Foto: Hidayane França

Nome científico:

Gonatodes humeralis

(Guichenot, 1855)

Nome Popular:

Lagartixa-da-mata

● **Informações Gerais:** Com ampla distribuição no norte da América do Sul. No Brasil encontra-se na região amazônica com registros em áreas do Pantanal. De pequeno porte (aproximadamente 4 cm). Espécie com pupilas redondas, dedos não alargados com garras. Machos com cores vivas (salpicados de amarelo, vermelho e marrom) com faixas amarelas ao lado da cabeça. E as fêmeas adultas e juvenis com coloração marrom a cinza e com faixa mais clara na costa. Diurna e arborícola, podendo ser encontrada em troncos de árvores. Como forma de defesa, refugia-se em pequenas cavidades. Ovíparo, põe um único ovo.

Foto: Hidayane França



Nome científico:

Copeoglossum nigropunctatum

(Spix, 1825)

Nome Popular:

Calango, calango-cobra

● **Informações Gerais:** Distribui-se na região amazônica da América do Sul e em diversos estados do Brasil. De porte médio (aproximadamente 11 cm) apresenta o corpo cilíndrico, patas curtas, escamas lisas e brilhantes. No dorso coloração marrom-acobreado, com uma faixa larga escura em cada lado. Possui o ventre branco-pérola, esverdeado ou azulado. Diurno, terrestre e semi-arborícola. Refugia-se em fendas como mecanismo de escape. Vivíparo, reproduz de 2 a 9 filhotes.

Foto: Raymony Tayllon

Nome científico:

Norops ortonii

Cope, 1868

Nome Popular:

Troíra

● **Informações Gerais:** Encontrada em países do norte da América do Sul. No Brasil com distribuição na região amazônica e registros em áreas de Mata Atlântica. De pequeno porte (aproximadamente 6 cm). Parte posterior do focinho com escamas lisas e achatadas. Coloração geralmente cinza ou marrom, uniforme ou marmoreado, pode ter linha clara vertebral. Apêndice gular (papo) alaranjado. Diurna e arborícola, localizado em troncos de árvores ou sobre os galhos. Dorme em cipós ou folhas grandes. Ovíparo, põe em média um ovo por ano.

49

Foto: Hidayane França





Nome científico:

Iguana iguana

(Linnaeus, 1758)

Nome Popular:

Camaleão, sinimbu, iguana

● **Informações Gerais:** Distribui-se ao sul da América do Norte ao centro-norte da América do Sul, sendo amplamente distribuída no Brasil. Espécie de grande porte (aproximadamente 40 cm), com a cauda pode ultrapassar 1,5 m. Coloração de juvenis é verde. Os adultos variam de verde-escuro a cinza e possuem uma crista dorsal evidente. Diurna, arborícola (dorme em galhos) e herbívora (alimenta-se de folhas de plantas), ocasionalmente pode comer insetos. Ovíparo, põe entre 9 a 71 ovos (em galerias escavadas no solo).

Foto: Hidayane França



Nome científico:

Polychrus marmoratus

(Linnaeus, 1758)

Nome Popular:

Camaleão, papa-vento verde, lagarto-preguiça

● **Informações Gerais:** Distribuiu-se na região da Amazônia ao sul do Panamá e com registros na Mata Atlântica. De médio porte (aproximadamente 14 cm). Papo extensível, olhos em forma de cone com pálpebras parcialmente fundidas. Membros e dedos pequenos e delgados. Coloração críptica predominante esverdeada com diferentes tonalidades. Coloração da cauda amarronzada e sépia com a região ventral pistache. Com hábito diurno, onívora (alimenta-se principalmente de insetos, aranhas e material vegetal) e arborícola (em galhos ou em borda de florestas em alturas acima de 2m do chão). Ovíparo, põe de 4 a 11 ovos.

51

Foto: Gilda V. Andrade



Nome científico:

Tropidurus hispidus

(Spix, 1825)

Nome Popular:

Troíra

● **Informações Gerais:** Encontrada na Venezuela, Ilha Margarida, Guiana, Suriname e Guiana Francesa. No Brasil distribui-se do sul de Minas Gerais até o nordeste brasileiro em formações abertas ao norte da Amazônia. De médio porte (aproximadamente 12 cm). Coloração dorsal cinza ou marrom-escuro, esta espécie tem um colar preto que rodeia o pescoço. A região ventral do corpo marrom claro ou creme com garganta malhada de preto. Diurna, terrestre, pode ser encontrada no chão, rochas e troncos de árvores. Espécie generalista e ovípara, põe de 4 a 6 ovos.

Foto: Hidayane França

Nome científico:

Uranoscodon superciliosus

(Linnaeus, 1758)

Nome Popular:

Tamacuaré

● **Informações Gerais:** Distribui-se na região Amazônica do Brasil, Guiana, Suriname, Guiana Francesa, Venezuela, Colômbia e Bolívia. De médio porte (aproximadamente 15 cm). Cabeça pequena com crista dorsal proeminente, estendida da nuca até a cauda (comprida e achatada lateralmente). Coloração nos machos é marrom-escura ou oliváceo, fêmeas e juvenis têm faixa ondulada clara com bordas escuras, ventre creme ou pardo. Diurno e semiaquático. Comum em margens de corpos d'água e sobre troncos de árvores durante o dia ou em galhos de árvores e cipós a noite. Ovíparo, põem de 10 a 12 ovos.

53

Foto: Hidayane França





Nome científico:

Colobosaura modesta

(Reinhardt & Luetken, 1862)

Nome Popular:

Calanguinho, lagartinho-do-chão,
lagartinho-do-folhico

● **Informações Gerais:** Apresenta ampla distribuição no Cerrado brasileiro, também encontrado no Pará, Ceará, Bahia e no Paraguai. De pequeno porte (aproximadamente 6 cm). Tem membros curtos e cauda longa. Coloração amarronzada na parte superior da cabeça e nas costas, enquanto a parte inferior é creme. Diurna, terrestre, se alimenta principalmente de aranhas. É ovíparo.

Foto: Zairon Garces

Nome científico:

Ameiva ameiva

(Linnaeus, 1758)

Nome Popular:

Calango-verde, tijubina

● **Informações Gerais:** Apresenta uma ampla distribuição na América do Sul, estendendo-se do Panamá a leste dos Andes. No Brasil está amplamente distribuído. De médio porte (aproximadamente 17 cm). Corpo cilíndrico, cauda circular, patas traseiras robustas e compridas. Escamas

dorsais são granulares, as ventrais são grandes e retangulares. A coloração muda com a idade, mas quase sempre existe verde no dorso. Diurno e terrestre. Procuram alimento de forma ativa em clareiras, beira de estrada, áreas desmatadas e perto de domicílios. Ovíparo (2 a 6 ovos).

Foto: Hidayane França



Nome científico:
Kentropyx calcarata
(Spix, 1825)

Nome Popular:
Calango

● **Informações Gerais:** Distribuído no Brasil, Bolívia, Guiana, Guiana Francesa, Suriname e Venezuela. No Brasil é encontrada em localidades da região amazônica, Mata Atlântica e do Cerrado. De médio porte (aproximadamente 12 cm). Adultos possuem coloração variável, três listras dorsais verdes a amarelo-esverdeadas,

estendidas por todo corpo. A região ventral é verde na parte da cabeça e de cinza-chumbo a rósea na parte do corpo. Diurno, terrestre e semi-arbóricola. Associado a ambientes ensolarados e bordas de riachos, pode ser encontrado em clareiras, no interior de florestas e áreas pouco perturbadas. Ovíparo, põe de 4 a 10 ovos.

Foto: Hidayane França



Nome científico:

Tupinambis teguixin

(Linnaeus, 1758)

Nome Popular:

Tejú, lagarto-teju, teiú

● **Informações Gerais:** Presente na região norte e central da América do Sul. No Brasil distribui-se na região da Floresta Amazônica e no Cerrado. De grande porte (aproximadamente 34 cm). Corpo cilíndrico, com patas robustas bem desenvolvidas e cauda longa. Coloração preta e dourada, podendo apresentar faixas dorsolaterais escuras. Diurno e terrestre. Encontrado em terra firme, várzea e igapó. Frequente em estradas, bom nadador e esconde-se em buracos no chão. Espécie generalista (alimenta-se de plantas, invertebrados e vertebrados). Ovíparo, põe de 4 a 32 ovos em cupinzeiros.

Foto: Hidayane França





SERPENTES DE CAMAPUTIUA

Serpentes são bem conhecidas por não possuírem patas e rastejarem. Mas cobras-cegas (anfíbios) e cobras-de-duas-cabeças (anfisbenas) também não tem patas e não são serpentes. O tipo de dentição é importante para diferenciar espécies que causam acidentes ofídicos. Como os lagartos, também ocorrem na maioria dos habitats, exceto nas áreas polares mais frias. Podem ser terrestres, arborícolas, subterrâneas ou aquáticas. Elas são carnívoras, alimentam-se de invertebrados ou vertebrados, incluindo ovos, e engolem as presas inteiras. No Brasil ocorrem cerca de 450 espécies, com maior riqueza na região Norte, cerca de 250. No Maranhão há registro de cerca de 110 espécies.





Nome científico:

Boa constrictor

Linnaeus, 1758

Nome Popular:

Jiboia

● **Informações Gerais:** Encontra-se na maior parte do território nacional e tem ampla distribuição na América do Sul, ocorrendo em vários países. Serpente de médio a grande porte (cerca de 4 m). Pupilas verticais, áglifas (dentes do mesmo tamanho, sem dentes inoculadores ligados a glândulas de veneno, portanto serpente não peçonhenta). A coloração apresenta uma grande variedade de tons, indo do amarelo-mostarda a tons avermelhados, sendo predominantes os tons cinza. A cauda possui manchas avermelhadas arredondadas e bordejadas de preto. Diurna e noturna com maior atividade no amanhecer e anoitecer; terrestre e arborícola. Alimenta-se de lagartos, aves e pequenos mamíferos (roedores, marsupiais e pequenos macacos). É vivípara, parindo até 55 filhotes que já nascem com 45 a 60 cm. Considerada uma serpente inofensiva.

Foto: Hidayane França



Nome científico:
Corallus hortulanus
(Linnaeus, 1758)

Nome Popular:
Rabo-seco

● **Informações Gerais:** Distribui-se na América Latina (Venezuela, Colômbia, Guianas, Equador, Bolívia, Suriname e Peru). E por boa parte do território brasileiro, exceto na região sul. Médio porte (aproximadamente 1,6 m). Olhos ressaltados, pupilas verticais, dentição áglifa (dentes do mesmo tamanho sem dentes especializados para injetar veneno), não peçonhenta, cauda preênsil

(usada para se enrolar em galhos), corpo muito comprimido lateralmente, cabeça destacada do corpo. A coloração é muito diferenciada entre si, variando do cinza ao marrom, amarelo, laranja ou avermelhado. Crepuscular e noturna; basicamente arborícola, alimentando-se de lagartos, aves, marsupiais, roedores e morcegos. É vivípara, parindo de 10 a 25 filhotes.

Nome científico:

Eunectes murinus

(Linnaeus, 1758)

Nome Popular:

Sucuri, sucuruju, anaconda

● **Informações Gerais:** Ampla ocorrência em território nacional. Encontrada também na Venezuela, Guianas, Colômbia, Bolívia, Equador, Paraguai, Peru, Suriname e Trinidad. De grande porte até 8 m. Pupilas verticais, dentição áglifa (dentes do mesmo tamanho sem dentes especializados para injetar veneno). A coloração é o pardo-azeitona, com pares de ocelos escuros sobre o dorso, e o ventre é amarelo-vivo, com manchas muito irregulares. Crepuscular e noturna; semiaquática. Mata suas presas por constrição com sufocamento ou afogamento; alimenta-se dos mais variados vertebrados: peixes, lagartos, jacarés, aves, roedores, filhotes de anta e até cachorros, porcos e bezerras. É vivípara, podendo parir mais de 50 filhotes numa gestação de 8 meses.

Foto: Hidayane França



Nome científico:

Chironius carinatus

(Linnaeus, 1758)

Nome Popular:

Papa-ovo, papa-pinto, cobra-cipó

● **Informações Gerais:** Ocorre na região Norte e Nordeste do Brasil. Além do Brasil, ocorre na Bolívia, Colômbia, Equador, Guianas, Peru, Suriname, Trindade e Venezuela. De pequeno a médio porte (até 1,9 m). Pupilas arredondadas, dentição áglifa (dentes do mesmo tamanho sem dentes especializados para injetar veneno), não

peçonhenta, corpo alongado, comprimido ou não; cauda longa, afilada. Coloração variável desde o esverdeado, azeitonada ou pardo avermelhado na parte superior e lateral da cabeça e no corpo. É diurna, terrestre e arborícola, alimentando-se de lagartos, pássaros e rãs. É ovípara, pondo de 10 a 15 ovos. É sobretudo agressiva



Nome científico:

Chironius exoletus

(Linnaeus, 1758)

Nome Popular:

Papa-ovo, papa-pinto, cobra-cipó

● **Informações Gerais:** Ampla distribuição na América do Sul, ocorrendo na Argentina, Bolívia, Colômbia, Equador, Guianas, Paraguai, Peru, Suriname e Venezuela. Pode ser encontrada em todos os estados brasileiros, exceto no Rio Grande do Norte. Pupilas arredondadas, dentição áglifa (dentes do mesmo tamanho sem dentes especializados para inocular veneno), não peçonhenta. Parte superior da cabeça pardacenta, tingindo de vermelho e amarelo, focinho avermelhado, dorso pardo oliváceo, olho com um círculo amarelo em torno da pupila. É diurna, terrestre e arborícola, alimentando-se de pererecas e lagartos. É ovípara.

Foto: Zairon Garcês





Nome científico:

Leptophis ahaetulla

(Linnaeus, 1758)

Nome Popular:

Cobra-cipó

● **Informações Gerais:** Ocorre desde o México até o norte da Argentina. Encontrada em boa parte do território nacional, exceto em estados da região Sul. Comprimento de 1,5 m em machos e 1 m em fêmeas. O corpo é longo e esguio, muito semelhante a um cipó. Os olhos são grandes e as íris são amarelas. Pupilas redondas e pretas, dentição áglifa, não peçonhenta. O colorido predominante de fundo é o verde nos jovens, e verde-azulado nos adultos. Diurna, terrestre e arborícola, alimenta-se de rãs, lagartos, filhotes de pássaros e camundongos. Ovípara, pondo de 6 a 12 ovos.

Foto: Raymony Tayllon

Nome científico:
Mastigodryas boddaerti
(Sentzen, 1796)

Nome Popular:
Cipó

● **Informações Gerais:** Distribui-se na Colômbia, Venezuela, Bolívia, Brasil, Suriname, Guiana Francesa, Guiana e Peru. No Brasil ocorre em quase todas as regiões, exceto no Sul. Médio porte (1,2 m em machos e fêmeas até 1,5 m). Pupilas arredondadas com íris cinza e uma faixa dourada, denticção áglifa, não peçonhenta. A

coloração predominante nos adultos é o cinza ou marrom avermelhado uniforme da cabeça até o final da cauda, com uma linha clara em sentido longitudinal por todo o corpo de cada lado. O ventre é todo branco. Diurna, terrestre e arborícola, alimenta-se de sapos, rãs, lagartos, gafanhotos, ovos de répteis. É ovípara.

Foto: Hidayane França



Nome científico:
Spilotes pullatus
(Linnaeus, 1758)

Nome Popular:
Caninana, papa-pinto, papa-ovo

● **Informações Gerais:** Ampla distribuição na América do Sul, ocorrendo em todo o Brasil. Médio porte (2,5 m). Cabeça grande, olho preto com pupila redonda. A coloração dorsal é rajada de amarelo e preto, o ventre é amarelo com faixas pretas. É muito agressiva,

quando ameaçada esta espécie pode inflar a parte de baixo do pescoço. Mas é aglifa, não peçonhenta. Diurna, arborícola, ocasionalmente encontradas no chão caçando; alimenta-se de sapos, lagartos, mamíferos, pássaros e seus ovos. É ovípara, pondo de 10 a 16 ovos.

Foto: Zairon Garcês



Nome científico:

Tantilla melanocephala

(Linnaeus, 1758)

Nome Popular:

Açoita-cavalo

● **Informações Gerais:** Ocorre em quase toda a América do Sul, a leste dos Andes até o Norte da Argentina e América Central. No Brasil, ela pode ser encontrada em todos os estados. Pequeno porte (50 cm). Pupila redonda, dentição opistóglifa (dentes inoculadores de veneno na parte posterior da boca), liberando algum veneno apenas se ficar mordendo muito tempo. Dorso marrom-claro ou cinza, com uma ou até cinco linhas longitudinais estreitas. Cabeça e pescoço são marrom-escuro ou pretos, machas claras e irregulares, ventre claro. Criptozóica (que se esconde) e terrícola; diurna e noturna. Alimentam-se principalmente de lacraias, insetos, centopeias e minhocas. É ovípara e produz de 1 a 3 ovos.

Foto: Kleiton R. Alves-Silva



Nome científico:

Clelia clelia

(Daudin, 1803)

Nome Popular:

Limpa-pasto

● **Informações Gerais:** Ampla ocorrência pela América do Sul. No Brasil, bem distribuída pela região amazônica com ocorrência também no Pantanal. Médio porte (2 m). Olhos pretos com pupila semi-elíptica, dentição opistóglifa, precisando morder muito tempo para liberar algum veneno.

A coloração em adultos é preto brilhante uniforme da cabeça à cauda. Em juvenis as escamas do dorso são vermelhas; a cabeça e o pescoço têm coloração preta, interrompida por uma faixa branca larga. Diurna e noturna; terrestre, alimentando -se de lagartos, serpentes, aves e roedores. É ovípara.

Foto: Reginaldo Machado



Nome científico:

Dipsas catesbyi

(Sentzen, 1796)

Nome Popular:

Jararaquinha

● **Informações Gerais:** Distribui-se na América Latina (Bolívia, Peru, Equador, Colômbia, Venezuela, Guiana e Suriname). No Brasil, encontra-se principalmente na região amazônica, mas com registro na Bahia. Pequeno porte (70 cm). Olhos pretos e pupilas elípticas, dentição áglifa, não peçonhenta, corpo comprimido lateralmente. A coloração é marrom-claro, com ocelos dorsais marginados de cor clara, um colar castanho alaranjado em forma de ferradura está presente no pescoço. O ventre é todo branco. Noturna, arborícola, alimentando-se de lesmas e caramujos. É ovípara, pondo de 4 a 8 ovos.

Foto: Hidayane França



Nome científico:
Erythrolamprus reginae
(Amaral, 1935)

Nome Popular:
Cobra-d'água

● **Informações Gerais:** Encontrada no Peru, Bolívia, Colômbia, Equador, Guianas, Suriname e Venezuela. Ocorre em todas as regiões do Brasil. Pequeno porte (aproximadamente 80 cm). Pupila redonda, dentição áglifa, não peçonhenta.

A coloração é verde-oliva claro e às vezes marrom, ventre maculado de preto. Diurno e terrestre, frequente em ambientes úmidos de mata, capoeira. É inofensiva, alimentando-se de rãs e lagartos, ovípara, pondo de 6 a 12 ovos.

Foto: Hidayane França



Nome científico:

Hydrodynastes gigas

(Duméril, Bibron & Duméril, 1854)

Nome Popular:

Papo-de-remo

● **Informações Gerais:** Ampla distribuição em território nacional, exceto em regiões da Caatinga. Médio porte (2,5 m em machos e fêmeas). Os olhos são pretos e as pupilas arredondadas, dentição áglifa, não peçonhenta. A coloração marrom pode variar entre tons esverdeados, a cabeça é castanho-escuro, o ventre é creme. Diurna, aquática, alimentando-se de peixes. É ovípara.

Foto: Kurazo Okada



Nome científico:
Imantodes cenchoa
(Linnaeus, 1758)

Nome Popular:
Rabo-seco, jararaquinha

● **Informações Gerais:** Pode ser encontrada em países da América Central e do Sul. Ocorre em todas as regiões brasileiras. Pequeno porte (1,2 m). Cabeça pequena e bem destacada do corpo esguio; olhos saltados e grandes com pupila vertical e elíptica. Dentição opistóglifa, precisando segurar

mordendo para liberar algum veneno. Coloração dorsal é castanho-clara, com manchas marrom-escuras ao longo de todo o corpo; o ventre é creme-claro com inúmeros pontos marrom-escuros. Crepuscular e noturna, arborícola, alimenta-se de rãs e lagartos. É ovípara, pondo de 1 a 8 ovos.

Foto: Daniella Pereira



Nome científico:
Oxyrhopus guibei
Hoge & Romano, 1978

Nome Popular:
Falsa-coral

● **Informações Gerais:** Encontrada na Argentina, Bolívia e Paraguai. No Brasil, ocorre em todas as regiões, mas com ocorrências isoladas na região Norte. Médio porte (1,2 m). Pupila redonda, dentição opistóglifa. Precisa segurar mordendo para liberar algum veneno, mas é dócil.

A coloração é em tríades de vermelho, preto e branco, com o preto atingindo a região ventral. Terrestre e noturna, podendo ser encontrada durante o dia. Alimenta-se principalmente de lagartos e mamíferos. É ovípara, pondo até 20 ovos. Imita uma coral-verdadeira.

Foto: Patrício Garcia



Nome científico:
Philodryas olfersii
(Lichtenstein, 1823)

Nome Popular:
Cipó

● **Informações Gerais:** Além de ocorrer em todo o Brasil, pode ser encontrada também na Argentina, Bolívia, Colômbia, Guiana Francesa, Paraguai e Venezuela. Porte médio (1,3 m). Pupila redonda, dentição opistóglifa, sendo considerada peçonhenta por

morder com facilidade e causar acidentes ofídicos. A coloração é predominantemente verde-escuro no dorso e claro no ventre. Diurna, terrestre e arborícola. Alimenta-se de anuros, lagartos, aves e mamíferos. É ovípara, pondo de 4 a 12 ovos.

Foto: Zairon Garcês



Nome científico:
Pseudoboa nigra
(Duméril, Bibron & Duméril 1854)

Nome Popular:
Boiuna

● **Informações Gerais:** Ocorre em todas as regiões brasileiras. Pode ser encontrada também na Argentina, Bolívia e Paraguai. Médio porte (1,2 m). Pupilas verticais, dentição opistóglifa: precisando segurar mordendo para liberar algum

veneno. A coloração dos adultos é preta; juvenis nascem com a cabeça branca e preta, corpo vermelho-claro. Noturna, terrestre. Alimenta-se de lagartos e seus ovos, outras serpentes e camundongos. É ovípara, pondo de 5 a 8 ovos.

Foto: Daniella Pereira





Nome científico:

Siphlophis cervinus

(Linnaeus, 1758)

Nome Popular:

Surucucu-de-fogo

● **Informações Gerais:** Ocorre na Bolívia, Colômbia, Equador, Venezuela, Guianas, Peru, Suriname e Trinidad. No Brasil com registros nos estados do bioma amazônico. Pequeno porte (76 cm em machos e 01 m em fêmeas). Olho grande com pupila subelíptica e íris avermelhadas, cabeça distinta do corpo; dentição opistóglifa, precisando segurar mordendo para liberar veneno. A coloração dorsal em jovens e adultos é amarela, preta e laranja, dispostos em um padrão reticulado; o ventre é branco com manchas pretas irregulares e pontos laranja. É noturna, arborícola e ocasionalmente terrestre; alimenta-se de lagartos, morcegos e anuros. É ovípara, pondo até 5 ovos.

Foto: Hidayane França



Foto: Hidayane França

Nome científico:
Thamnodynastes pallidus
(Linnaeus, 1758)

Nome Popular:
Jararaquinha

● **Informações Gerais:** Encontrada no Norte e Nordeste do Brasil, Guianas, Colômbia, Bolívia, Equador, Suriname, Venezuela e Peru. De pequeno porte (60 cm). Cabeça grande, olho grande com pupilas elípticas, dentição opistóglifa, precisando morder por um tempo para

liberar veneno. A coloração do corpo é amarelo-pardacento, com inúmeros traços negros nas bordas das escamas, duas linhas escuras longitudinais e ventre amarelo pardacento. Noturna, agressiva, terrestre e arborícola, alimenta-se de rãs e larvas de insetos. É vivípara.

Nome científico:
Bothrops atrox
(Linnaeus, 1758)

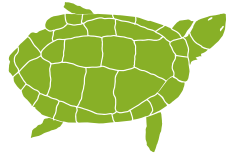
Nome Popular:
Rabo-seco

● **Informações Gerais:** Bem distribuída em toda a bacia Amazônica (Venezuela, Guianas, Suriname, Colômbia, Equador, Peru e Norte da Bolívia). Comprimento até 1 m em machos e 2,1 m em fêmeas. Cabeça triangular, olhos castanhos com pupila elíptica, dentição solenóglifa (dentes móveis anteriores que injetam veneno), peçonhenta. A coloração dorsal é altamente variável, com tonalidades entre

castanho, marrom e cinza, e a presença de manchas escuras que forma desenhos triangulares. Noturna, mas pode ser encontrada durante o dia, terrestres e arborícolas. Vive na mata, capoeira, lugares inundados e próximos a residências. Alimenta-se de rãs, lagartos, serpentes, aves, roedores e marsupiais. É vivípara, parindo de 11 a 43 filhotes. É a espécie que mais causa acidente nas zonas rurais.

Foto: Hidayane França





OUTRAS ESPÉCIES DE RÉPTEIS



Nome científico:

Amphisbaena fuliginosa

(Linnaeus, 1758)

Nome Popular:

Cobra-de-duas-cabeças

● **Informações Gerais:** Com distribuição na Colômbia, Venezuela, Guiana, Suriname e Brasil. De médio porte (aproximadamente 45 cm). Patas ausentes, anéis em volta do corpo; olhos pequenos e rudimentares, a cauda parece com a cabeça; o corpo é cilíndrico com coloração dominada por manchas pretas ou pretas azuladas num fundo branco com creme. Encontrados na superfície de manhã cedo e durante chuvas fortes; passam a maior parte do tempo embaixo do chão, embaixo de folhicho ou outros objetos.

Foto: Patrício Garcia



Nome científico:

Leposternon polystegum

(Duméril, 1851)

Nome Popular:

Cobra-de-duas-cabeças,
cobra-cega

● **Informações Gerais:** Endêmica do Brasil (Pará, Rio Grande do Norte, Bahia, Ceará, Paraíba e Maranhão). De médio porte (aproximadamente 35 cm). Cabeça modificada para cavar tocas, olho rudimentar; corpo sem patas, anéis em volta do corpo. A coloração é creme. Alimenta-se de minhocas, formigas e cupins. Ovípara.



Nome científico:

Phrynops geoffroanus

(Schweigger, 1812)

Nome Popular:

Cangapara

● **Informações Gerais:** Espécie com ampla distribuição pela América do Sul, sendo encontrada principalmente em áreas de floresta amazônica. De médio porte (comprimento da carapaça pode variar de 25 a 39 cm). É comum de ser encontrada ao longo de sua distribuição geográfica. Bem adaptada à sobrevivência em ambientes antropizados, sendo encontrada até mesmo em rios poluídos próximos a áreas urbanas. Seus habitats incluem rios, lagos e canais com matas de galeria e abundante vegetação aquática, da qual se alimenta.

Foto: Hidayane França

Nome científico:

Platemys platycephala

(Schneider, 1792)

Nome Popular:

Jabuti-machado, charapa

● **Informações Gerais:** Espécie tipicamente amazônica sendo encontrada em todos os estados da região norte do país. Suas populações são bem abundantes ao longo de sua distribuição. De médio porte (comprimento aproximado da carapaça é 18 cm). Possui hábito noturno e ficam em poças temporárias formadas durante o período chuvoso. Alimentam-se de ovos de rãs e girinos. Ovíparo, pondo um ovo.

Foto: Hidayane França

Nome científico:
Paleosuchus palpebrosus
(Linnaeus, 1758)

Nome Popular:
Jacaré

Informações Gerais: Essa é a espécie de crocodiliano mais abundante e bem distribuída da América Latina. De porte relativamente pequeno (aproximadamente 2,5 m). Altamente adaptável para vários tipos de ambientes úmidos

com áreas fluviais e lacustres. Corpo coberto por escamas, cabeça distinta do pescoço, focinho pontudo. Semi-aquático, de água doce. Alimenta-se de invertebrados terrestres, peixes e moluscos. Suas populações sofrem com caça.

Foto: Hidayane França



BIBLIOGRAFIA

- ABREU, R. O.; JUNCA, F. A.; SOUZA, I. C. A.; NAPOLI, M. F. The tadpole of *Dendropsophus branneri* (Cochran, 1948) (Amphibia, Anura, Hylidae). **Zootaxa**, vol. 3946, p. 296-300. 2015.
- AMARAL, A. **Serpentes do Brasil-Iconografia colorida**. 2ed, São Paulo: Ed. Melhoramentos, 1977, 248p.
- AMPHIBIAWEB. **Information on amphibian biology and conservation**. [web application]. Berkeley, California: AmphibiaWeb. Disponível em: <<http://amphibiaweb.org>>. Acesso em Dez 03, 2020.
- BASTOS, R. P.; POMBAL JR., J. P. A new species of *Hyla* (Anura: Hylidae) from eastern Brazil. **Amphibia-Reptilia**, vol. 17, p. 325-331. 1996.
- BRANDÃO, R. A.; HEYER, R. W. The complex calls of *Leptodactylus pustulatus* (Amphibia, Anura, Leptodactylidae). **Amphibia-Reptilia**, vol. 26, p. 566-570. 2005.
- BRANDÃO, R. A.; MACIEL, S.; ÁLVARES, G. F. R. 2016. **Guia dos Anfíbios do Distrito Federal, Brasil**. Disponível em <www.lafuc.com>. Acesso em Nov 03 2020.
- BRUSQUETTI, F.; JANSEN, M.; BARRIO-AMORÓS, C.; SEGALLA, M.; HADDAD, C. F. B. Taxonomic review of *Scinax fuscomarginatus* (Lutz, 1925) and related species (Anura; Hylidae). **Zool J Linnean Soc**, vol. 171, p. 783-821. 2014. doi:10.1111/zoj.12148
- CAMINER, M. A.; MILÁ, B.; JANSEN, M.; FOUQUET, A.; VENEGAS, P. J.; CHÁVEZ, G.; LOUGHHEED, S. C.; RON, S. R. Systematics of the *Dendropsophus leucophyllatus* species complex (Anura: Hylidae): Cryptic diversity and the description of two new species. **PLoS ONE**, vol. 12: e0171785. doi:10.1371/journal.pone.0171785
- CARAMASCHI, U. Notes on the taxonomic status of *Elachistocleis ovalis* (Schneider, 1799) and description of five

new species of *Elachistocleis* Parker, 1927 (Amphibia, Anura, Microhylidae). **Bol. Mus. Nac.**, N.S., Zool., Rio de Janeiro, n° 527, p. 1-30, ago.2010.

CARAMASCHI, U.; JIM, J. Uma nova espécie de *Hyla* do grupo *marmorata* do nordeste brasileiro (Amphibia, Anura, Hylidae). **Rev. Brasil. Biol.**, vol. 43, p. 195-198. 1983.

CHAVES, M. F. **Caracterização histológica e biologia reprodutiva de *Leptodactylus macrosternum* (Anura, Leptodactylidae), nordeste do Brasil**. 2016. Tese (Doutorado em Ciência Animal Tropical). Programa de Pós-Graduação em Ciência Animal Tropical, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife. 2016.

COCHRAN, D. M. A new subspecies of treefrog from Pernambuco, Brazil. **J. Wash. Acad. Sci.**, vol. 38, p. 316-318. 1948.

COPE, E. D. Catalogues of the reptiles obtained during the explorations of the Parana, Paraguay, Vermejo and Uruguay Rivers, by Capt. Thos. J. Page, U.S.N.; and of those procured by Lieut. N. Michler, U.S. Top. Eng., Commander of the expedition conducting the survey of the Atrato River.

Proc. Acad. Nat. Sci. Philadelphia, vol. 14, p. 346-359. 1862.

COSTA, H. C.; BÉRNILS, R. S. Répteis do Brasil e suas Unidades Federativas: Lista de espécies. **Herp. Brasileira**, vol. 7, n° 1, p. 11-57. 2018.

CUNHA, O. R.; NASCIMENTO, F. P. Ofídios da Amazônia VII - As serpentes peçonhentas do gênero *Bothrops* (jararacas) e *Lachesis* (surucucu) da região leste do Pará. (Ophidia, Viperidae). **Bol. Mus. Par. Emílio Goeldi**, vol. 83, p. 1-42. 1975.

CUNHA, O. R.; NASCIMENTO, F. P. Ofídios da Amazônia. X - As cobras da região leste do Pará. **Publicações Avulsas**, n° 31. 1978.

CUNHA, O. R.; NASCIMENTO, F. P. Ofídios da Amazônia. XV. As espécies de *Chironius* da Amazônia Oriental (Pará, Amapá e Maranhão). (Ophidia: Colubridae). **Mem. Inst. Butantan**, vol. 46, p. 139-172. 1982.

DE SÁ, R. O.; BRANDÃO, R.; GUIMARÃES, L. D. Description of the tadpole of *Leptodactylus pustulatus* Peters, 1870 (Anura: Leptodactylidae). **Zootaxa**, [S.l.], vol. 1523, p. 49-58. 2007.

- DE SÁ, R. O.; GRANT, T.; CAMARGO, A.; HEYER, W. R.; PONSSA, M. L.; STANLEY, E. Systematics of the Neotropical Genus *Leptodactylus* Fitzinger, 1826 (Anura: Leptodactylidae): Phylogeny, the Relevance of Non-molecular Evidence, and Species Accounts. **South Am. J. Herpetol.**, vol. 9, p. 1-128. 2014.
- DE SÁ; R. O. *Hyla multifasciata*. **Catalogue of American Amphibians and Reptiles**, vol. 624, p. 1-4. 1996.
- DIAS, E. J. R.; ALMEIDA, R. P. S.; XAVIER, M. A.; MOTA, M. L.; LIMA, A. C.; ROSÁRIO, I. R. *Scinax nebulosus* (Spix, 1824) (Amphibia: Hylidae): review of distribution and new record from Sergipe, Brazil. **Checklist**, vol. 11, n° 3, article 1660, p. 1-5. 2015.
- DIXON, J. R.; STATON, M. A. Some aspects of the biology of *Leptodactylus macrosternum* Miranda-Ribeiro (Anura: Leptodactylidae) of the Venezuelan Llanos. **Herpetologica**, vol. 32, p. 227-232. 1976.
- DIXON, J. R.; WIEST, J. A. & CEI, J. M. Revision of the tropical snake *Chironius* Fitzinger (Serpentes, Colubridae). **Mus. Reg. Sci. Nat. Mon.** XIII, p. 209-221. 1993.
- DUBEUX, M. J. M.; NASCIMENTO, F. A. C.; LIMA, L. R.; MAGALHÃES, F. M.; SILVA, I. R. S.; GONÇALVES, U.; ALMEIDA, J. P. F.; CORREIA, L. L.; GARDA, A. A.; MESQUITA, D. O.; ROSSA-FERES, D. C.; MOTT, T. Morphological characterization and taxonomic key of tadpoles (Amphibia: Anura) from the northern region of the Atlantic Forest. **Biota Neotrop.**, vol. 20, e20180718.
- DUELLMAN, W. E. A reassessment of a taxonomic status of some hylid frogs. **Occas. Pap. Mus. Nat. Hist.**, University of Kansas, vol. 27, p. 1-27. 1974.
- DUELLMAN, W. E.; MARION, A. B.; HEDGES, S. B. Phylogenetics, classification, and biogeography of the treefrogs (Amphibia: Anura: Arboranae). **Zootaxa**, vol. 4104, p. 1-109. 2016.
- FARIAS, I. P.; MARIONI, B.; VERDADE, L. M.; BASSETTI, L.; COUTINHO, M. E.; MENDONÇA, S. H. S. T.; VIEIRA, T. Q.; MAGNUSSON, W. E.; CAMPOS, Z. Avaliação do risco de extinção do jacaré-tinga *Caiman crocodilus* (Linnaeus, 1758) no Brasil. **Biodiversidade Brasileira**, Brasília, v. 3, n. 1, p. 4-12, 2013.

FERREIRA, R. B.; FAIVOVICH, J.; BEARD, K. H.; POMBAL JR., J. P. The First Bromeligenous Species of *Dendropsophus* (Anura: Hylidae) from Brazil's Atlantic Forest. **Plos One**, p. 1-21. 2015.

GAZONI, T.; LYRA, M. L.; RON, S. R.; STRUSSMANN, C.; BALDO, D.; NARIMATSU, H.; PANSONATO, A.; SCHNEIDER, R. G.; GIARETTA, A. A.; HADDAD, C. F. B.; PARISE-MALTEMPI, P. P.; CARVALHO, T. R. Revisiting the systematics of the *Leptodactylus melanonotus* group (Anura: Leptodactylidae): Redescription of *L. petersii* and revalidation of its junior synonyms. **Zool. Anz.**, vol. 290, p. 117-134. 2021.

GOMES, J. O.; MACIEL, A. O.; COSTA, J. C. L.; ANDRADE, G. V. Diet composition in two sympatric Amphisbaenian species (*Amphisbaena ibijara* and *Leposternon polystegum*) from the Brazilian Cerrado. **J. Herpet.**, vol. 43, p. 377-384. 2009.

GOMES, M. R.; ALVES, A. C. R.; PEIXOTO, O. L. O girino de *Scinax nebulosus* (Amphibia, Anura, Hylidae). **Iheringia Ser. Zool.**, vol. 104, p. 184-188. 2014.

GUNTHER, A. C. L. G. **Catalogue of the Batrachia Sali-entia in the Collection of the British Museum**. Londres: Taylor & Francis. 1858.

IUCN 2020. **The IUCN Red List of Threatened Species**. Version 2020-2. Disponível em: <<https://www.iucnredlist.org>>. Acesso em Dez 03 2020.

JANSEN, M.; SCHULZE, A. Molecular, morphology and bioacoustic data suggest Bolivian distribution of a large species of the *Leptodactylus pentadactylus* group (Amphibia: Anura: Leptodactylidae). **Zootaxa**, 3307:35-47. 2012.

JETZ, W.; MCPHERSON, J. M.; GURALNICK, R. P. Integrating biodiversity distribution knowledge: toward a global map of life. **Trends Ecol. Evol.**, vol. 27, p. 151-159. 2012. DOI:10.1016/j.tree.2011.09.007

JUNGFER, K. H.; REICHLE, S.; PISKUREK, O. Description of a new cryptic southwestern Amazonian species of leaf-gluing treefrog, genus *Dendropsophus* (Amphibia: Anura: Hylidae). **Salamandra**, vol. 46, p. 204-213. 2010.

LAVILLA, E. O.; CABALLERO-GINI, A.; BUENO-VILLAFANE, D.; CARDOZO, D. Notes on the distribution of the

- genus *Pseudopaludicola* Miranda-Ribeiro, 1926 (Anura: Leptodactylidae) in Paraguay. **CheckList**, vol. 12, n^o 6, p. 1-9. 2016.
- LEITE JR., J. M. A.; SAMPAIO, J. M. S.; SILVA-LEITE, R. R.; LOEBMAN, D.; LEITE, J. R. S. A.; TOLEDO, L. F. Amphibia, Anura, Hylidae, *Scinax fuscomarginatus*: distribution extension. **CheckList**, vol. 4, p. 475-477. 2008.
- LIMA, A.; MAGNUSSON, W. E.; MENIN, M.; ERDTMANN, L. K.; RODRIGUES, D. J.; KELLER, C.; HÖDL, E. W. **Guia de Sapos da Reserva Adolpho Ducke, Amazônia Central - Guide to the Frogs of Reserva Adolpho Ducke, Central Amazonia**. Manaus: Áttema Design Editorial. 2006.
- LUTZ, B. **Brazilian species of Hyla**. Austin: Univ. Texas Press. 1973.
- MAGALHAES, F. D. M.; LOEBMANN, D.; KOKUBUM, M. N. D. C.; HADDAD, C. F. B.; GARDA, A. A.; A new species of *Pseudopaludicola* (Anura: Leptodactylidae: Leiuperinae) from northeastern Brazil. **Herpetologica**. 70: 77-88, 2014.
- MAGALHÃES, F. M.; LYRA, M. L.; CARVALHO, T. R.; BALDO, D.; BRUSQUETTI, F.; BURELLA, P.; COLLI, G. R.; GEHARA, M. C.; GIARETTA, A. A.; HADDAD, C. F. B.; LANGONE, J. A.; LÓPEZ, J. A.; NAPOLI, M. F.; SANTANA, D. J.; DE SÁ, R. O.; GARDA, A. A. Taxonomic Review of South American Butter Frogs: Phylogeny, Geographic Patterns, and Species Delimitation in the *Leptodactylus latrans* Species Group (Anura: Leptodactylidae). **Herpetol Monogr**, vol. 34, p. 131-177. 2020.
- MARQUES, O. A. V.; PUORTO, G. Feeding reproduction and growth in the crowned snake *Tantilla melanocephala* (Colubridae) from southeastern Brazil. **Amphibia-Reptilia**, vol. 19, p. 311-318. 1998.
- MARTINS, M.; OLIVEIRA, M. E. Natural history of snakes in forests of the Manaus region, Central Amazonia, Brazil. **Herpetological Natural History**, vol. 6, p. 78-150. 1999.
- MESQUITA, D. O.; COLLI, G. R.; FRANÇA, F. G. R.; VITT, L. J. Ecology of a Cerrado Lizard Assemblage in the Jalapão Region of Brazil. **Copeia**, vol. 5, p. 460-471. 2006.
- NOGUEIRA, C. C.; ARGÔLO, A. J. S.; ARZAMENDIA, V.; AZEVEDO, J. A.; BARBO, F. E.; BÉRNILS, R. S.; BOLOCHIO, B. E.; BORGES-MARTINS, M.; BRASIL-GODINHO, M.;

BRAZ, H.; BUONONATO, M. A.; CISNEROS-HEREDIA, D. F.; COLLI, G. R.; COSTA, H. C.; FRANCO, F. L.; GIRAU-DO, A.; GONZALEZ, R. C.; GUEDES, T.; HOOGMOED, M. S.; MARQUES, O. A. V.; MONTINGELLI, G. G.; PAS-SOS, P.; PRUDENTE, A. L. C.; RIVAS, G. A.; SANCHEZ, P. M.; SERRANO, F. C.; SILVA, N. J.; STRUSSMANN, C.; VIEIRA-ALENCAR, J. P. S.; ZAHER, H.; SAWAYA, R. J.; MARTINS, M. Atlas of Brazilian Snakes: Verified Point-Locality Maps to Mitigate the Wallacean Shortfall in a Megadiverse Snake Fauna. **S Am J Herpetol**, vol. 14 (sp1), p. 1-274. 2019.

ROSSA-FERES, D. C.; NOMURA, F. Characterization and taxonomic key for tadpoles (Amphibia: Anura) from the northwestern region of São Paulo State, Brazil. **Biota Neotrop.**, v. 6. 2006.

RUEDA-ALMONACID, J. V.; CARR, J. L.; MITTERMEIER, R. A.; RODRIGUEZ-MAHECHA, J. V.; MAST, R. B.; VOGT, R. C.; RHODIN, A. G. J.; OSSA-VELASQUEZ, J.; RUEDA, J. N. & MITTERMEIER, C. G. 2007. **Las tortugas e los cro-codilianos de los países andinos del Trópico**. Bogotá: Conservación Internacional, 537p.

SAWAYA, R. J.; MARQUES, O. A. V.; MARTINS, M. Com-position and natural history of a Cerrado snake assemblage at Itirapina, São Paulo State, southeastern Brazil. **Biota Neotrop.**, vol. 8, n° 2. <http://www.biotaneotropica.org.br/v8n2/en/abstract?inventory+bn01308022008>.

SCHULZE, A.; JANSEN, M.; KÖHLER, G. Tadpole diver-sity of Bolivia's lowland anuran communities: molecular identification, morphological characterization, and eco-logical assignment. **Zootaxa**, v. 4016, p. 1-111, 2015. ISSN 1175-5334.

SEGALLA, M. V.; CARAMASCHI, U.; CRUZ, C. A. G.; GAR-CIA, P. C. A.; GRANT, T.; HADDAD, C. F. B.; SANTANA, D. J.; TOLEDO, L. F.; LANGONE, J. A. Brazilian Amphibians: List of Species. **Herp. Brasileira**, vol. 8, n° 1, p. 65-96. 2019.

SEÑARIS, J. C.; MARGARITA, L.; ROJAS-RUNJAIC, F.; BARRIO-AMOROS, C. L. **Guía ilustrada de los anfibios del Parque Nacional Canaima, Venezuela**. Caracas : Ediciones IVIC. 261pp. 2014.

SILVA, G. R.; LUNA-DIAS, C.; SILVA, S. P. C. Amphibia, An-ura, Hylidae, *Sphaenorhynchus prasinus* Bokermann, 1973:

First record of the genus and species for the State of Alagoas, Brazil. **CheckList**, vol. 9, n^o 6, p. 1519-1520. 2013.

VAZ-SILVA, W.; ANDRADE, T. A. Amphibia, Anura, Pipidae, *Pipa pipa*: distribution extension, new state record and geographic distribution map. **CheckList**, vol. 5, n^o 3, p. 507-509. 2009.

VOGT, R. C.; F, C. K.; BATAUS, Y. S. L.; BALESTRA, R. A. M.; BATISTA, F. R. W.; UHLIG, V. M.; SILVEIRA, A. L.; BAGER, A.; BATISTELLA, A. M.; SOUZA, F. L.; DRUMMOND, G. M.; REIS, I. J.; BERNHARD, R.; MENDONÇA, S. h. S. T.; LUZ, V. L. F. 2015. Avaliação do Risco de Extinção de *Phrynops geoffroanus* (Schweigger, 1812) no Brasil. Processo de avaliação do risco de extinção da fauna brasileira. ICMBio.

VOGT, R. C.; FAGUNDES, C. K.; BATAUS, Y. S. L.; BALESTRA, R. A. M.; BATISTA, F. R. W.; UHLIG, V. M.; SILVEIRA, A. L.; BAGER, A.; BATISTELLA, A. M.; SOUZA, F. L.; DRUMMOND, G. M.; REIS, I. J.; BERNHARD, R.; MENDONÇA, S. H. S. T.; LUZ, V. L. F. 2015. Avaliação do Risco de Extinção de *Platemys platycephala* (Schneider, 1792) no Brasil. Processo de avaliação do risco de extinção da fauna brasileira. ICMBio.

ZINA, J.; HADDAD, C. F. B. Reproductive activity and vocalizations of *Leptodactylus labyrinthicus* (Anura: Leptodactylidae) in Southeastern Brazil. **Biota Neotrop.**, vol. 5, p. 1-11. 2004.

Realizado o Depósito legal na Biblioteca Nacional conforme

Lei nº 10.994, de 14 de dezembro de 2004.

Título	Anfíbios e Répteis de Camaputiua e seus entornos
Autores	Hidayane dos Santos França Daniella Pereira de Sá Patrício Getúlio Garcia Neto Gildevan Nolasco Lopes Raimundo José Santos Gilda Vasconcellos de Andrade
Capa	Francisco Batista Freire Filho
Projeto Gráfico	Leticia Helena, Francisco Batista Freire Filho
Revisão	Thaís Barreto Guedes
Formato	22 x 15 cm
Páginas	92
Tipografia	Neuton
Papel	Couché Brilho Design LD 90g/m ² Miolo Cartão Supremo LD 250 g/m ² Capa
Edição	1ª edição - Digital - Fevereiro de 2021
Publicação	EDUFMA - Editora da Universidade Federal do Maranhão



ABEU
Associação Brasileira
das Editoras Universitárias



FAPENΔ
Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento
Científico e Tecnológico do Maranhão